

# EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM QUESTÃO NA ESCOLA E A INFLUÊNCIA DA MÍDIA

## ENVIRONMENTAL EDUCATION AT SCHOOL QUESTION AND THE INFLUENCE OF MEDIA

Rosângela Inês Matos Uhmman\*, Fernanda Seidel Vorpapel

*UFFS – Cerro Largo – RS – Brasil*

**Resumo:** Pensar na mídia e como ela pode ajudar no processo de ensino exige a problematização da mesma no contexto educacional, aqui em especial atenção na articulação com a Educação Ambiental (EA) primando por uma educação de qualidade. Para tanto, nosso objetivo foi investigar como a mídia, que por vezes, molda as ações sem projeção consciente a respeito da EA, serve talvez ao interesse de uma minoria. O que nos levou a fazer uma revisão bibliográfica no período entre 2010-2012 da Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (REMEA) com foco na mídia relacionada à EA. O caminho trilhado apontou indícios de que a mídia é influenciadora das ações nos indivíduos, o que requer o enfrentamento dos padrões expostos pela mídia, em que urge a necessidade de um pensamento centrado na criticidade, estudo e responsabilidade individual e coletiva na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** consumo induzido, socioambiental, comunicação impressa e falada.

**Abstract:** Thinking about the media and how it can help in the teaching process requires the problematization of the same in the educational context, especially in the articulation with the Environmental Education (EE), focusing on a quality education. To that end, our goal was to investigate how the media, which sometimes shapes the actions without conscious projection regarding the EE, seen interests of a minority. What led us to a bibliographic review in the journal (2010-2012) of the Electronic Journal of the Master in Environmental Education (EJMEE) with a focus on media related to EE. The path traced pointed indications that the media is influential of the actions in the individuals, which requires the confrontation of the standards exposed by the media, in which urges the necessity of a thought centered on the criticality, study and individual and collective responsibility in the contemporaneity.

**Keywords:** induced consumption, socio-environmental, printed and spoken communication.

## 1. Introdução

A partir do entendimento de que a Educação Ambiental (EA) é um meio de enfrentamento da crise ambiental decorrente, muitas vezes dos meios e modos de produção acelerado, que nos propusemos também a problematizar a questão da mídia. Para tanto, a mídia pode ser considerada parte do controle social da massa pensante, compreendendo que a mesma poderá influenciar (positiva e/ou negativamente) na proposta educativa para a construção de práticas pelo viés crítico da EA.

---

\* rosangela.uhmman@uffs.edu.br

A escola sendo uma instituição propulsora de conhecimento pode tratar de tais questões problematizando a realidade exposta como a influência da mídia em nossa vida. Para isso, o professor sendo o protagonista neste processo, precisa atentar aos aspectos sociais, ambientais, políticos, econômicos, culturais e históricos, especialmente no que diz respeito à temática ambiental.

Em que na perspectiva da EA: “O desenvolvimento humano passa a ser visto e compreendido nas ações e relações, e o corpo como a expressão material da dinâmica biológica, genética, psicológica, mental, cultural, social e econômica em contextos específicos” (LOUREIRO, 2006, p. 137).

Neste sentido, a mídia pode ser uma ferramenta potencial para o diálogo em sala de aula quanto às possíveis controvérsias existentes no que é enunciado pelos meios de comunicação, visto a importância da criticidade nesse contexto e não o entendimento como dogma. O aspecto do consumo desenfreado pode ser o principal fator influenciado pela mídia, visto que as “TVs ligadas a maior parte do tempo, [...] acabam por assumir um papel significativo na construção de valores culturais. A cultura do consumo molda o campo social, construindo, desde muito cedo, a experiência da criança e do adolescente” (CAMPOS; SOUZA, 2003, p. 12).

Entendemos que a mídia é potencial articulador em operação nos discursos que podem ser possíveis condicionantes de poder ao produzir sentidos que levam a interesses particulares de uma minoria. No entanto, a mesma pode ser uma ferramenta pedagógica para a discussão de aspectos que permeiam nas relações de poder *versus* enfrentamento das questões ambientais. Nesse sentido, ousamos investigar por meio de uma revisão bibliográfica na Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (REMEA), artigos a respeito do que já foi inferido no sentido das relações midiáticas com foco na EA.

Enfim, com o presente estudo nos propomos a investigar a mídia como ferramenta didática com atenção para a influência da EA nas ações diárias. A seguir apresentamos a metodologia, após os resultados e discussões intitulado: “Relação da mídia e a questão da Educação Ambiental”, e finalmente a conclusão.

## 2. Metodologia

Por meio deste estudo investigamos em periódico que trata da EA a influência que a mídia tem nas questões ambientais, especialmente quanto aos sentidos que ela produz, os seus impactos e a sua problematização na educação. Com tal pretensão, realizamos uma revisão bibliográfica na REMEA observando o descritor: “Educação Ambiental” nas palavras-chave e/ou título dos artigos publicados no período de 2010 a 2012, no qual selecionamos 147 dos 189 artigos encontrados em sete (7) edições (Volume 24 a 29, incluindo as edições especiais). A ideia inicial era de analisar de 2010 até 2017, mas como queríamos fazer a leitura de cada artigo, logo percebemos a grande quantidade de artigos, assim optamos por um intervalo de três (3) anos.

Como segundo critério de análise, optamos pela leitura na íntegra dos 147 artigos. O que nos fez organizarmos seis (6) temáticas, as quais compreendem: “Análise da EA em contexto escolar” (22 artigos) que dizem respeito a contribuições e inferências realizadas pelos autores dos artigos a partir de um fato que transcorreu na escola; “Práticas de EA na educação básica”

(24 artigos) que se referem a atividades desenvolvidas por professores no ensino básico com foco na EA; “EA e formação docente” (19 artigos) que tratam da formação de professores na perspectiva da EA; “EA em contexto não formal” (29 artigos) abrangendo as atividades na perspectiva da EA desenvolvidas em Organizações Não Governamentais (ONGs), grupos da terceira idade, asilos, igrejas entre outros; “Concepções teóricas acerca da EA” (49 artigos) voltados a discussões filosóficas, epistemológicas e de pesquisa bibliográfica, bem como de outros temas variados, e por fim a temática: “Como a mídia perpassa a EA” (4 artigos), os quais são analisados e problematizados tendo em vista ser esta a temática deste estudo.

Os artigos foram agrupados nas respectivas temáticas respaldos em Lüdke e André (2013, p. 50) que orientam que se “[...] faça o exame do material procurando encontrar aspectos recorrentes”. Com este propósito, os artigos encontrados foram nomeados por A, B, C e D, estes que abordam de alguma forma a mídia com foco na EA, organizados no quadro 01, com o título e um respectivo excerto.

*Quadro 01: Apresentação dos artigos da REMEA com olhar para a mídia. (Fonte: as autoras)*

Artigo	Título do artigo	Excerto do artigo e autoria
A	Discursos da EA na mídia: uma estratégia de controle social em operação	“Entende-se que a mídia coloca em operação uma relação de poder ao fabricar coisas, produzir sentidos e constituir sujeitos” (HENNIG; GARRÉ; HENNIG, 2010, p. 243).
B	Problematizando a produção de alguns discursos de EA na mídia impressa: análises Foucaultianas	[...] “entende-se a mídia como um importante campo de reprodução de subjetividades, que interpela os sujeitos e vai constituindo suas formas de ser e viver no mundo contemporâneo” (GARRÉ; HENNING, 2011, p. 232).
C	Apontamentos sobre o cinema ambiental: a invenção de um gênero e a EA	“Dentre o que se desenha como indicado para um filme ambiental está a clareza na proposta de ‘sensibilizar as pessoas para os problemas ambientais e sociais’ que se realiza nas obras” (GUIDO; BRUZZO, 2011, p. 66).
D	Construindo alternativas à crise socioambiental: EA crítica, transformadora e emancipatória e história oral	A civilização ocidental passa por um tenso momento de crise, uma crise socioambiental, que tem tomado amplos espaços de discussão entre acadêmicos, intelectuais, trabalhadores, e a mídia, esta última exercendo um papel preponderante no terrorismo psicológico que exerce sobre o público telespectador. Muito embora a situação seja realmente preocupante, pouco a grande mídia faz para contribuir com a solução desta crise socioambiental” (BRAVO, 2011, p. 254-55).

Observamos pelo quadro 01, um pequeno número de artigos que emergiram da análise, o que nos faz pensar no quanto o aspecto da mídia vinculado às questões

ambientais ainda é pouco explorado. Na sequência, é destaque a problematização das diferentes formas com que a EA é trabalhada.

### 3. Relação da Mídia e a questão da Educação Ambiental

Na contemporaneidade, a EA necessita de um olhar crítico frente às relações de poder que visam lucros sem a devida atenção às questões ambientais. Os problemas ambientais não afetam apenas os países pobres, ou as pessoas de uma determinada classe social, atingem todos independentemente da posição em que se encontram. Neste contexto, a mídia é uma ferramenta que pode tanto persuadir, omitir e/ou auxiliar no entendimento das questões socioambientais, o que implica pensar nos domínios da ecosofia. Parafraseando Cavalcante (2017, p. 72), ecosofia: “[...] expressa às formas como os sujeitos interagem entre si e com o meio ambiente. [...] é mais que uma reflexão sobre ecologia, natureza e subjetividade humana, é uma busca por ações concretas”. A ecosofia é embasada em três ecologias, as quais compreendem a do meio ambiente como um todo, a relação social que estabelecemos a partir das nossas vivências e a subjetividade humana que trata dos valores que temos na vida (GUATTARI, 2012).

Articular possíveis relações da EA com a mídia é primarmos por uma EA crítica, para o qual requer pensarmos na ecosofia que trata das três ecologias, a do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana (GUATTARI, 2012), pois estas colocam em questão nossa maneira de viver levando em consideração a realidade socioambiental. Tal intenção é compreendida na contemporaneidade, em que há a necessidade de um pensamento mais holístico, visto que estamos condicionados a um sistema que, por vezes, nos impõem padrões que comandam nossas vidas e ações sem projeção consciente.

O que é exposto no artigo A com preocupação, visto os discursos das propagandas midiáticas no Brasil, a exemplo da TV e internet, pois entendem que a mesma é uma operação de poder ao produzir sentidos. No que urge, a exemplo do consumo induzido, o que requer a tomada de consciência, “[...] onde precisamos aprender a avaliar não só o custo financeiro de um bem, mas também o custo social e ambiental” (VORPAGEL; UHMANN, 2017, p. 88). Realizar esse movimento de reflexão sobre as próprias ações produzidas na contemporaneidade contribui aos: “[...] indivíduos e os grupos sociais ampliarem a sua percepção e internalizarem, conscientemente, a necessidade de mudanças” (DIAS, 2000, p. 122).

É fundamental que tais reflexões se façam presentes no contexto social e escolar, visto que tal espaço é propulsor na constituição do sujeito e a mídia é aspecto constantemente presente no dia a dia das pessoas. Entendendo a amplitude que os discursos enunciados pela mídia alcançam e que “ela seleciona o que deve ser dito e indica a maneira como deve ser dito” (HENNING; GARRÉ; HENNING, 2010, p. 246), é imprescindível a problematização destes principalmente nas escolas. O professor diante do seu papel social tem esta atribuição de mediar por meio do diálogo o exposto pela mídia, não simplesmente se vinculando a criticar ou defender a mídia, mas de promover o debate, a desmistificação dos dogmas, bem como a sensibilização para com as questões ambientais nesse contexto. É muito importante o diálogo crítico e construtivo, pois por meio dele o professor desperta a curiosidade nos alunos e o

interesse pela pesquisa, afim, de compreender porque, para quem e como são enunciados os discursos da mídia.

O que nos faz pensar que a linguagem está imbuída de poder, a qual produz sentidos na vida das pessoas e implica em persuasão, seja para atos ambientalmente conscientes e/ou desprovidos da sensibilidade pelas questões ambientais. Nessas relações de poder, não cabe a violência no sentido de agressão física, mas o entendimento de “[...] que o poder mais que uma ação de repressão e cerceamento é uma ação afirmativa, no sentido de que torna provável ou produz um efeito esperado, direciona resultados e comportamentos” (PELLIZZARO, 2013, p.158).

Nessa direção, por sua vez, o artigo B traz à tona a problematização referente a alguns discursos que tratam da EA na mídia impressa, estas que tratam das revistas *Veja* e *Superinteressante*, em que a análise foi embasada no discurso a partir de Michel Foucault. O artigo aborda questões pontuais acerca da EA, a exemplo do condicionamento nas relações de poder, em que os autores expressam tal preocupação, os quais, em nosso entendimento, de certa forma também estão limitados há alguns aspectos condicionantes em determinadas ocasiões.

Devemos levar em consideração que as ações individuais **geram mais aprendizagens quando levadas** a problematização no campo da EA coletiva, a fim de atingir um pensamento social/global. É visto que as ações individuais são imprescindíveis para o enfrentamento das ações antrópicas, no entanto elas necessitam atingir o coletivo, o que pode se dar por meio do diálogo, para que desta forma **alcancemos** um resultado significativo. Diante da mídia essa questão é observada por Garré e Henning, os quais complementam que:

*Os discursos proliferados na mídia acerca das problemáticas ambientais e da recorrente preocupação com o fim do planeta nos levam a pensar que tais ditos não se dirigem apenas a um sujeito, mas para o coletivo que deve, junto, se mobilizar para que ações individuais repercutam na transformação do meio ambiente (2011, p. 237).*

Nesse sentido, o enfrentamento por condições de vida mais sustentáveis e de qualidade necessita de ações individuais e coletivas, visto a desmistificação de ideias muitas vezes impostas pelo viés de interesses individuais que não atendem as perspectivas em prol da vida e do ambiente global. Desta forma, a educação é aliada neste processo de enfrentamento, pois permite o discernimento entre o que de fato é relevante nos discursos midiáticos impressos ou falados e o que atende a interesses de terceiros, o que pode tirar o indivíduo da zona de condicionamento.

Estar condicionado a alguns aspectos limita-nos a exemplo do que aconteceu com o rompimento da barragem em Mariana (Minas Gerais, 2015), o qual ocasionou danos irreversíveis às famílias moradoras nas proximidades. Essas pessoas foram limitadas no sentido de crescimento pessoal e profissional, já que o ambiente foi todo destruído pela lama contaminada, sendo que elas não têm mais a mesma perspectiva de vida. No entanto, esse aspecto é mais um dos problemas apontados em decorrência do desastre, muitas coisas foram perdidas, em especial o valor pela vida. O que requer entender que: “A formação de valores sustentáveis não depende só da escola, mas de um conjunto de ações sociais, políticas,

econômicas e ambientais em direção a uma sociedade mais justa e ecologicamente sustentável” (TRISTÃO, 2004, p.49). Assim, os sujeitos que compõe a escola precisam contribuir ao problematizar e investigar mais os aspectos que não condizem aos cuidados ambientais individuais e coletivos.

*As situações de ensino devem se organizar de forma a proporcionar oportunidades para que o aluno possa utilizar o conhecimento sobre Meio Ambiente para compreender a sua realidade e atuar sobre ela. O exercício da participação em diferentes instâncias (desde atividades dentro da própria escola, até movimentos mais amplos referentes a problemas da comunidade) é também fundamental para que os alunos possam contextualizar o que foi aprendido (BRASIL, 1997, p.35-36).*

Neste sentido, atentar ao cuidado da vida, observando o que realmente necessitamos para viver, é estabelecer reciprocidade com a relação presente em nosso contexto, em detrimento do que é imposto, muitas vezes de forma implícita. Considerar tais aspectos, exige humildade, discernimento e criticidade na forma de conduzir as ações que desencadeiam no *feedback* da vida, visto que a EA: “[...] tem como pressuposto pedagógico a articulação entre o conhecimento sobre os processos ambientais, a intencionalidade dos sujeitos em sua relação com a natureza e a transformação social” (TOZONI-REIS, 2008, p. 70-71).

No interstício de uma discussão ampla, cabe articular ainda a questão da desigualdade socioeconômica. De acordo com Tristão (2004, p. 47): “[...] a desigualdade socioeconômica torna-se o maior problema ambiental da terra, e também, o maior problema do desenvolvimento”. Nossa realidade é mudada constantemente, assim como histórias são constituídas, muitas vezes pelo capitalismo, o que precisa ser incentivada é a mudança de alguns aspectos, no que diz respeito ao cenário capitalista, em que o domínio econômico é discrepante e mantenedor da desigualdade social.

A problematização do artigo C vai na mesma direção quando corresponde a produções feitas na perspectiva de atender a interesses próprios, a exemplo das propagandas de lojas e fábricas. A questão dos filmes e documentários, em questão no artigo C, contemplam ações necessárias para produzir as imagens dos filmes, no entanto, é preciso **estar alertas** com as imagens que passam despercebidas aos olhos dos telespectadores. No entendimento de Guido e Bruzzo:

*Acostumamo-nos aos documentários que apagam as etapas necessárias para chegar aos detalhes apresentados e esquecemo-nos da impossibilidade de produzir uma imagem sem que existam consequências para as formas vivas, ocasionadas pela produção do filme para o entretenimento do público (2011, p. 63).*

Expostos a esse contexto, é primordial que se tenha consciência da necessidade de problematizar por meio do diálogo nos diferentes espaços educativos, os discursos e os enunciados do meio midiático, em especial atenção aos aspectos que, por vezes, não ficam evidentes, atentando-se as “[...] competências para saber compreender a informação, ter o distanciamento necessário à análise crítica, utilizar e produzir informações e todo tipo de mensagens” (BÉVORT; BELLONI, 2009, p. 1081). Tal pressuposto requer atenção, análise e articulação aos aspectos políticos, culturais, históricos e sociais, entendendo serem inerentes na

discussão da forma como interagimos entre os sujeitos e o ambiente em que vivemos, podendo o filme ser uma estratégia didática com olhar para a EA desde a produção.

Entendemos, o filme como um recurso didático que permite a exploração de diversas temáticas, aqui em especial da EA, os quais podem ajudar a aproximar aluno e professor na problematização dos conceitos escolares relacionados à EA, visto que as tecnologias midiáticas na contemporaneidade são intrínsecas no processo de ensino e aprendizagem. “Os filmes representam um recurso valioso e insubstituível para determinadas situações de aprendizagens” (KRASILCHIK, 2004, p. 64). Cabe destacar, a importância do professor nesse processo, pois é primordial que se faça o devido planejamento para o uso de filmes na escola explorando as possibilidades pedagógicas ao ensino. Destacamos a necessidade de uma visão crítica dos filmes, estando atento a possíveis inconsistências entre a verdade científica e aquilo que é apresentado na história (REZENDE, 2008; COSTA e BARROS, 2014).

A educação constitui o eixo articulador para desmistificar a ciência como dogma, assim como aprofundar a temática ambiental em relação ao que é exposto pela mídia e como esse movimento concebe novas práticas de preservação ambiental, pois: “é na escola, instituição formadora, que se formam responsabilidades com o cultural e ambiental na direção de cuidados para a perpetuação da vida na terra” (UHMANN; ZANON, 2012, p.14). Dentre as práticas está a de frear o consumo induzido pela mídia, por exemplo, as pessoas não necessitam de inúmeros calçados e roupas estocadas no guarda-roupa, é necessário pensar se o que estamos adquirindo é realmente uma necessidade ou se estamos a seguir um padrão exposto, por vezes, imposto pela sociedade de consumo descartável. Uma ação pode ser considerada pontual, mas com pensamento holístico, o que leva em conta a formação do sujeito ecológico na perspectiva da ecossociedade de Guattari (2012) é pensar nas relações que estabelecemos e no valor que atribuímos à vida, visto que uma ação implica em outra.

Nessa direção, o artigo D trata da perspectiva da crise socioambiental que tem tomado amplos espaços de discussões, a exemplo, da mídia, esta que segundo os autores do artigo, exerce um papel preponderante no terrorismo psicológico sobre o telespectador. Acreditamos que a mídia, compreendida como aquilo que é enunciado por qualquer meio de comunicação, influencia as ações não pensadas de forma responsiva. Cabe destacar que a EA crítica e a história oral como proposta metodológica, também são aspectos discutidos no artigo em questão. Entende-se por história oral a proposta de “registrar as experiências e vivências dos grupos oprimidos, postos fora do escopo da História tradicional” (BRAVO, 2011, p. 262).

Nesse sentido, o autor problematiza a EA pelo viés transformador, crítico e emancipatório, ao atentar para a questão da mídia e sugerir a história oral como alternativa de voz para as pessoas menos favorecidas diante do contexto político e social. Tal enfoque se deve por compreender que o objetivo da mídia consiste em desviar a atenção de dados significativos e reproduzir comportamentos que pouco impacto tem sobre a questão socioambiental (BRAVO, 2011).

Por meio de tais compreensões, é urgente “[...] a formulação de novas propostas de sociabilidades, que sejam sustentáveis, que promovam a realização democrática dos sujeitos, sua postura ativa diante de suas próprias vidas e interajam para solucionar problemas que os

afetam cotidianamente” (BRAVO, 2011, p. 254). É nesse aspecto que o papel do professor é fundamental para ampliar a discussão no sentido de colaborar com o processo de construção e entendimento da relação ser humano e meio ambiente, visto que a educação é um dos meios para a transformação ética ambiental em sociedade. Mesmo que seja um desafio trabalhar a EA, não podemos deixar a acomodação tomar conta, é preciso extrapolar para fora dos muros escolares tais ações, nos desafiando a sair da zona de conforto.

*O desafio é grande e não deve ser visto como desanimador ou angustiante. O prazer de ser educador ambiental reside não na certeza dos resultados, mas na construção permanente de novas possibilidades e reflexões que garantam o aprendizado, o respeito às múltiplas formas de vida e ao planeta e a esperança de que podemos sim construir um mundo melhor para todos, igualitário, culturalmente diverso e ecologicamente viável (LOUREIRO, 2007, p.72).*

A mídia pode ser uma ferramenta didática, que quando planejada, possibilita o processo de ensino e aprendizagem na formação do sujeito ecológico. Ponderar as limitações e possibilidades neste contexto é um desafio para o professor, em especial, diante da mídia e com foco nas questões ambientais, no qual, necessita de vigilância constante, acerca dos meios e modos publicitários.

Conforme Jacobi (2003, p.196): “a educação ambiental propicia o aumento de conhecimentos, mudança de valores e aperfeiçoamento de habilidades, condições básicas para estimular maior integração e harmonia dos indivíduos com o meio ambiente”. O profissional professor tem um papel social muito importante na constituição do ser humano, visto que ele faz parte da história local/global, cabendo, na coletividade estudar os meios para o enfrentamento da crise socioambiental.

## 4. Conclusão

O presente estudo teve por objetivo trazer à tona a temática ambiental articulada a mídia de comunicação falada e escrita, de fundamental importância, questão que precisa ser problematizada também no espaço do contexto escolar no desenvolvimento do processo de ensino. Considerar a temática ambiental como um tema transversal na contemporaneidade é primar pela formação de um sujeito ecológico, atento aos padrões expostos e impostos na atual sociedade. Entendemos que urge a necessidade de um pensamento centrado no valor da vida, visto uma “[...] formação crítica de cidadãos para participar ativamente em processos de tomada de decisão relacionado com aspectos da temática ambiental, estamos assumindo explicitamente a dimensão política da EA” (SANTOS; CARVALHO, 2004, p.202).

Destacamos compreender de que forma a mídia está condicionada, por vezes, nas ações antrópicas com foco na EA. O que requer observar e estudar meios para o desenvolvimento de uma EA crítica no âmbito político, econômico e social especialmente no contexto educacional. Assim, urge a necessidade de ampliar a discussão também na formação continuada de professores, como um dos caminhos para a reflexão da prática pedagógica, visto o uso da mídia com foco na EA de forma crítica na formação dos nossos alunos e suas famílias.



Frisamos que os artigos A, B, C e D (quadro 1) motivaram efetivar mais estudos a respeito da mídia com olhar para as questões ambientais, visto ampla circulação, alcançando, por vezes, os sujeitos em sociedade. É por meio da TV, das revistas e internet, por exemplo, objetos de comunicação midiáticos (em estudo no artigo A e B), que são, por vezes, expostos os padrões de vida, a exemplo, dos automóveis que servem para locomoção, no entanto, atualmente talvez os motivos de sua aquisição e uso já não são apenas o deslocamento. Precisamos de uma cultura que aumente o conhecimento sobre os aspectos dos bens de consumo, assim como a produção e destinos dos materiais usados. O artigo C menciona filmes, trazendo uma discussão sobre as ações indiretas na produção das imagens, estas que, na grande maioria, passam despercebidas aos olhos dos telespectadores. Enquanto, o artigo D chama atenção para a história oral, possibilitando voz aos mais oprimidos. Entendemos que os artigos, aqui em questão constituem-se em objetos de estudo aos diferentes contextos educativos, possibilitando a compreensão da EA por meio da mídia. Assim, para além de um discurso de preservação do Planeta, primando desta forma para a construção da EA crítica ao contemplar aspectos sociais, políticos e socioambientais em contexto local/global.

Ao finalizar as considerações, mas não a discussão acerca da presente temática, cabe incentivarmos a postura investigativa das ações individuais e coletivas permeada pelo diálogo, no sentido de propulsionar mais estudos acerca das questões socioambientais. Dessa forma, a intenção é levar para cada sujeito, o posicionamento adotado, a possibilidade de discussão acerca do que é produzido na mídia com olhar para a EA, ampliando o entendimento do que se quer por uma EA crítica, construtiva e necessária na contemporaneidade.

## 5. Referências

- BÉVORT, E.; BELLONI, M. L. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2017.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente e saúde**. Brasília. 1997. V.9. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro091.pdf>>. Acesso em: 19 de jan. 2018.
- BRAVO, M. D. Construindo alternativas à crise socioambiental contemporânea: educação ambiental crítica, transformadora e emancipatória e história oral. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 26, n. 1, p.254-269, jan. 2011. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/remea/article/view/3497/2077>>. Acesso em: 11 dez. 2017.
- CAMPOS, C. C. G. de.; SOUZA, S. J. de. Mídia, cultura do consumo e constituição da subjetividade na infância. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 23, n. 1, p.12-21, mar. 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932003000100003>>. Acesso em: 21 out. 2017.
- CAVALCANTE, K. L. A ecosofia de félix guattari: uma análise da filosofia para as questões ambientais. **Cadernos Cajuína: Revista Interdisciplinar**, Piauí, v. 2, n. 2, p.72-78, maio 2017. Disponível em: <<http://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/150/99>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

COSTA, E. C. P.; BARROS, M. D. M. de. Luz, câmera, ação: o uso de filmes como estratégia para o ensino de Ciências e Biologia. **Revista Práxis**, Ano. 6, n. 11, p. 81-93, 2014. Disponível em: <[https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/10623/2/elaine\\_costaemarcelo\\_IOC\\_2014.pdf](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/10623/2/elaine_costaemarcelo_IOC_2014.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2017.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: Princípios e Práticas**. 6. ed. São Paulo: Gaia, 2000.

GARRÉ, B. H.; HENNING, P. C. Problematizando a produção de alguns discursos de Educação Ambiental na mídia impressa: Análises Foucaultianas. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 27, n. 1, p.232-242, jul. 2011. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/remea/article/view/3240/1927>>. Acesso em: 09 dez. 2017.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. 21. ed. Campinas SP: Papirus, 2012.

GUIDO, L. de F. E.; BRUZZO, C. Apontamentos sobre o cinema ambiental: a invenção de um gênero e a educação ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 27, n. 1, p.57-68, jul. 2011. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/remea/article/view/3249/1933>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

HENNING, C. C.; GARRÉ, B. H.; HENNING, P. C. Discursos da Educação Ambiental na mídia: uma estratégia de controle social em operação. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 25, n. 1, p.243-252, jul. 2010. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/remea/article/view/3512/2089>>. Acesso em: 09 dez. 2017.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, p.189-205, mar. de 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>>. Acesso em: 21 de jan. 2018.

KRASILCHIK, M. **Prática de Ensino de Biologia**. 4. ed. São Paulo: USP, 2004.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LOUREIRO, C. F. B. Educação ambiental crítica nas escolas: desafios. In: **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. MELLO, S. S. de; TRAJB, R. (org.). Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO, (p. 66-72), 2007.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U, 2013.

PELLIZZARO, N. Michel Foucault: um estudo do biopoder a partir do conceito de governo. **Peri Revista de Filosofia**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p.155-168, jan. 2013. Disponível em: <<http://www.nexos.ufsc.br/index.php/peri/article/view/888/391>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

REZENDE, L. A. História das Ciências no Ensino de Ciências: contribuições dos recursos audiovisuais. **Ciência em Tela**, v. 1, n. 2, p. 1-7, 2008. Disponível em: <<http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0208rezende.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

SANTOS, W. L. P. dos.; CARVALHO, L. M. de. A Dimensão Política da Educação Ambiental em Investigações de Revistas Brasileiras de Ensino de Ciências. **Revista Brasileira de Pesquisa em**

**Educação em Ciências**, Minas Gerais, v. 14, n. 2, p.199-213, abr. 2004. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/2702>>. Acesso em 02 nov. 2017.

TOZONI-REIS, M. F. de C. **Educação Ambiental**: natureza, razão e história. 2. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2008.

TRISTÃO, M. **A Educação Ambiental na Formação de Professores**: redes de saberes. São Paulo: Annablume, 2004.

UHMANN, R. I. M.; ZANON, L. B. Ações Pedagógicas no Ensino de Física com Foco na Educação Ambiental. **Revista Eletrônica de Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 29, n. 1, p. 01-15, jul. 2012. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/remea/article/view/2944/1914>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

VORPAGEL, F. S.; UHMANN, R. I. M. Livros Didáticos de Química no Ensino da Educação Ambiental. In: HERMEL. E. do E. S.; SKUPIEN F. L.; GÜLLICH R. I. da C. (Org.). **Aprendendo Ciências**: Ensino, Pesquisa e Extensão. 1 ed. Santo Ângelo: FURI, 2017, v. 1, p. 86-89.